

Aqui está o capítulo traduzido e adaptado para o português brasileiro, mantendo a atmosfera e os diálogos naturais:--- Ansoerge, viemos aqui com toda a sinceridade para colaborar - disse Hanko, franzindo levemente a testa.- Colaborar com o quê? - Ansoerge acenou com a cabeça. - Fale lá, adoro uma boa parceria.Hanko trocou um olhar com o jovem loiro.- Temos algumas ideias para transmitir à Academia Cassel - o rapaz, encorajado pelo sinal de Hanko, endireitou os ombros e avançou com passos firmes, imitando a postura majestosa que aprendera com seus antepassados. - Todos nós temos sangue híbrido, deveríamos ser aliados. Só temos algumas divergências sobre como lidar com os dragões.- Vocês pensam que são humanos e os dragões são inimigos mortais. Nós acreditamos que nosso grupo está entre humanos e dragões, não precisamos ficar obcecados em caçá-los.- Mas isso não é problema. Agora que vocês têm poder para matar os dragões ancestrais, nós apoiamos.- Queremos que vocês acabem de vez com a era dos dragões, desde que isso não revele nosso segredo comum nem faça os humanos nos temer. Podemos até ajudar, se necessário.- Soa bem - Ansoerge continuou assentindo.- Depois dos dragões, o mundo não será dos humanos, mas dos híbridos. Mas nenhum grupo deve dominar sozinho - dividiremos o poder.O jovem ficou cada vez mais arrogante, dando mais um passo à frente até ficar cara a cara com Ansoerge, encarando-o sem piscar.- A Academia Cassel deve lembrar disso. Assim, sempre poderemos nos sentar para uma conversa civilizada e resolver nossas diferenças.Ansoerge nem se abalou. Deu uma longa tragada no charuto e soprou a fumaça lentamente no rosto do rapaz.- Isso é um insulto? - o jovem ficou com o rosto sombrio.- Garoto, você não sabe o que é um insulto de verdade - Ansoerge soltou outra baforada. - Para ser sincero, se não fossem meus alunos aqui, exigindo que eu dê o exemplo como educador...- Provavelmente já teria dado um soco na sua cara e feito você ouvir a bobagem que está falando.Capítulo 73 - Ato 19: Treze Federais Perigosos (Parte 2)- Viemos demonstrar boa vontade, não fazer inimizade com a Academia Cassel! - o jovem disse com raiva contida, tentando ignorar o desprezo de Ansoerge.- Não estou vendo essa tal boa vontade - Ansoerge encolheu os ombros, batendo a cinza do charuto na mesa da sala enquanto olhava nos olhos furiosos do rapaz. - Onde está essa bondade?- No compartilhamento de poder.- Somos muito superiores aos humanos comuns, deveríamos governar. Mas vivemos escondidos todos esses anos porque a ameaça dos dragões ainda pairava.- Eles podem ressuscitar a qualquer momento, vivemos com medo. Mas logo nos livraremos disso e nada mais nos impedirá. Não precisaremos mais ser discretos, nosso poder crescerá e teremos muito para dividir.- Desde que a Academia Cassel não ache equivocadamente que ficará com todos os frutos... - o jovem falou pausadamente, - nos tornaremos os "novos dragões"!- Entendi... - Ansoerge ergueu uma sobrancelha. - Nós acabamos com os dragões e vocês querem uma parte do butim. Se aceitarmos, viram nossos aliados e as coisas ficam mais fáceis.- Não é parte, é compartilhamento.- Como assim?- Primeiro, e mais importante, se capturarem os Dragões Ancestrais... Digo, seus cadáveres... não podem ficar com tudo.- Ah, querem fazer exposições itinerantes com os corpos empalhados? - Ansoerge sorriu.- Não seja obtuso, reitor - o jovem respondeu friamente. - Mesmo mortos, os Quatro Monarcas ainda detêm um poder incomparável! Devemos dividi-los!- Então como faz? Cortamos no meio, metade pra cada? - Ansoerge concordou com falso entusiasmo. - Recomendo um bom vinho tinto da Califórnia para acompanhar essa iguaria reptiliana.- Isso mesmo. Metade para cada.- Nossa parte pode ser maior? Afinal, fizemos o trabalho pesado. A Cassel tem muita gente, se faltar teremos que fazer uma sopa, uma colher por aluno.- Repito, estamos aqui para cooperar, não para pechinchar! - o jovem quase gritou.- Chega, entendi - Ansoerge fez um gesto de cansaço. - Não acha isso ridículo?- Ridículo como? - o rapaz estranhou.- Essa sua ideia de "repartição justa" - Ansoerge esmagou o charuto na mesa com calma. - Durante séculos, o Partido Secreto lutou contra os dragões sem ajuda de vocês. Nossos companheiros migraram, fundaram escolas, criaram armas, reuniram informações.- Enquanto isso, vocês roubaram ouro dos indígenas, transformaram em joias para cortesãs, dançaram com elas e compraram propriedades.- No século XX, perdemos tantos soldados que poderíamos encher a praia de Santa Monica com cruzeiras brancas. Sofremos tanto que nem temos direito a negociar? Temos que aceitar essa "divisão" imposta?O jovem respirou fundo, controlando a raiva, e forçou um sorriso diplomático.- Reconhecemos os sacrifícios do Partido Secreto nessa guerra...- Mas isso nem é o mais

engraçado - Ansorge o interrompeu. - Jovem, sabe o que você é para os dragões? Mingfei, você enfrentou um Dragão Ancistral, diga a ele.- Um palhaço - olhou para cima, Lu Mingfei respondeu com desdém.- Você tem sangue de dragão, mas é incompleto. Sabe como parece diante de um dragão de verdade? Um anão com forma humana, mas que se arrasta por ser pequeno. "Novos dragões"? Você? Poupe-me.- Repito o que disse antes - ele deu uma risada fria. - Você não é nada.- Eu já queria ter dito que o Mingfei estava coberto de razão - Ansorge encolheu os ombros. - Só não falei antes por respeito ao velho Hanko.— O que eu sou, afinal? — O jovem não aguentou mais e gritou para Lumingfei. — E você, o que é? Eu sou o herdeiro da família mais poderosa de mestiços da América do Norte! Esse seu status ridículo nunca chegará aos meus pés! Ele ainda lançou um olhar para Chen Monuo. — E essa mulher que você trouxe, acha que tem motivo para se gabar? Mulheres assim eu consigo quantas quiser! — Querido, bate nele por mim — Monuo disse, entediada, fazendo as unhas sem sequer olhar para o jovem. — Diretor, se importa? — perguntou Lumingfei. — À vontade — respondeu Angre, acendendo outro charuto. Lumingfei agiu rápido, agarrou a cabeça do jovem e esmagou-a contra a mesa. Depois, deu um tapinha no rosto pálido dele. — Me xingar, tudo bem. Mas xingar minha garota? Vou te fazer querer nunca ter nascido. — Seu merda! — O jovem se debateu, perdendo toda a elegância que demonstrava antes. — Vou usar o poder da minha família para acabar com você! — Diretor, pode fazer esse cachorro ficar quieto? — Lumingfei segurou a cabeça dele com uma mão e suspirou. — Muito barulho. — Um momento — Angre tomou um gole de champanhe e começou a cantarolar uma melodia. Era uma ária da ópera "O Ouro do Reno", de Wagner. Os membros da elite ali presentes, acostumados com música clássica, reconheceram a peça. Era o momento em que o anão Alberich, fascinado pelo ouro mágico no fundo do rio, rouba o anel do poder, selando seu destino infeliz. Ouvir aquela melodia ali, depois das palavras de Lumingfei, criou um clima estranho, como uma zombaria sutil. De repente, algo inacreditável aconteceu: o terno elegante do jovem explodiu em dezenas de pedaços, que voaram pelos ares. Quem olhava para Angre viu algo ainda mais estranho — ele desapareceu do seu assento, deixando apenas o copo de champanhe cair no chão e se espatifar. Angre reapareceu atrás do jovem, girando um canivete de 20 cm. A lâmina, feita de aço damasco, brilhava sob a luz. Ele continuou a cantarolar, olhando para o jovem ainda pressionado contra a mesa. O jovem gritou, cobrindo a parte inferior do corpo com as mãos. — Pode parar de esconder essa coisinha — Lumingfei soltou-o. — Ninguém aqui tá interessado em ver. O jovem rastejou até se esconder atrás de Hango. Lumingfei olhou para Hango. — Senhor Hango, espere que seus cachorros não tenham más ideias. Senão, não me importo de te dar um AVC antes da hora. — AVC? — Hango ficou confuso. — Brincadeira — Lumingfei levantou as mãos. — Tenho muito respeito pelo senhor. — Rapazes, como educador, vou dar uma lição hoje — Angre segurou o charuto e olhou para o jovem trêmulo atrás de Hango, e depois para os outros, cabisbaixos. — Quando era jovem, estudei no Trinity College. Meu professor me disse para olhar a história de um lugar alto, como quem vê uma guerra do topo de uma montanha. — Talvez vocês pensem assim também. Veem pessoas se matando como formigas e acham ridículo, perguntando por que lutam tanto. — Vocês fingem que não têm nada a ver com isso, porque estão longe, e nada disso os atinge. — Enquanto eles sangram no campo de batalha, vocês estão lá no alto, elegantes, colhendo os frutos da vitória sem levantar um dedo, sem uma gota de sangue nas mangas. Depois, ainda podem flertar com garotas como se nada tivesse acontecido. Muito bonito, não? — Mas eu não consigo. Estive lá embaixo, no meio da guerra. — A cada minuto, alguém morria ao meu redor. Eu via seus rostos, seu sangue, seus membros dilacerados. E cada um deles era alguém que eu conhecia, um companheiro. — Hango, eu nunca fui uma pessoa calma, não é? — perguntou Angre. — Não — Hango respondeu. — Você só é frio. — Então, nessa guerra, eu já enlouqueci. Quer negociar com um vingador cego de ódio? — Não — Hango concordou. — Então repito: todos vocês juntos não valem um fio de cabelo do meu aluno. Mais uma lição, de graça. — Eu sou um vingador. A única coisa que me mantém vivo é colocar cada dragão na força. — A sociedade de elite que vocês conhecem, Wall Street, nada disso importa para um louco como eu. Quer negociar? Primeiro entenda que somos homens sem temor. — Não me venham dizer que sacrificar nossa gente é parte da história. Nem tentem baixar o preço por causa dos mortos, como se eu fosse

um agiota de cadáveres. — E, aliás, não mencionem nenhum "novo clã de dragões". Qualquer dragão, seja nascido ou auto-declarado, é nosso... inimigo. — Vocês querem ser inimigos de Hilbert Jean Angre? — Ele olhou ao redor. Ninguém respondeu, nem Hango. — Quanto a você— Angre jogou a ponta do charuto no jovem a metros de distância, sorrindo. — Usando um ditado chinês: "não enche o saco". Ele virou as costas e saiu sem se despedir. — Bom trabalho — Lumingfei deu um sorriso, pegou a mão de Monuo e também saiu. [...]O quarto estava em silêncio absoluto, tão quieto que se poderia ouvir um alfinete caindo no chão. — Não se preocupe — disse Hango, entregando um novo terno ao jovem e dando-lhe um tapinha no ombro. — Eu nem esperava que você conseguisse chegar a um acordo com Angre. Só queria sentir como ele está reagindo. Você fez um bom trabalho. — Pense nisso como uma lição. Com Angre, você pode negociar, até brincar, mas nunca tente desafiar os limites dele. — E quais são esses limites? — Não despreze o que eles fizeram, especialmente os membros mortos da Sociedade Secreta — o velho se apoiou na mesa com dificuldade para se levantar. — É o desejo, o desejo de vingança. — É como uma semente venenosa. Uma vez plantada no coração, ela cresce, cria raízes, até que a sombra daquela árvore cubra todo o seu ser. — Vingança? — A destruição da Sociedade do Leão há mais de cem anos o afetou profundamente, mudou completamente a vida dele — Hango encolheu os ombros. — Aquele Lu Mingfei.. é interessante. Por trás dele... não deve haver apenas Angre, não é? — Claro que não! — A porta se abriu, e uma voz ecoou. — Por trás dele também estou eu! O recém-chegado vestia um terno cinza-prateado, seu corpo esguio irradiando uma força contida a cada movimento. Seus passos eram tão leves que quase não faziam som, e os jovens presentes não conseguiam desviar o olhar de seus pés, seguindo o ritmo de sua caminhada. Era um andar raro, suave e poderoso ao mesmo tempo. Sem dúvida, aquilo vinha de uma confiança inabalável. Ele entrou na sala onde os líderes das famílias de sangue-misto estavam reunidos como se não houvesse ninguém ali. Sentou-se na cadeira em frente a Hango e, desde o momento em que entrou, só teve olhos para ele, ignorando por completo os chamados "jovens talentos" ao redor. Hango olhou para ele com desdém e balançou a cabeça. — Você não poderia aparecer de um jeito mais decente na minha frente? — Terno sob medida da Prada, sapatos da Hermes, relógio Zenith — o visitante bateu nas próprias roupas, orgulhoso. — Tudo junto custou 30 mil dólares. Está mais do que apropriado! — Então o que é isso na sua cabeça? Era um saco de papel do KFC. Aquele homem, que combinava elegância, ferocidade e frieza, estava com um saco de fast-food cobrindo o rosto... Por isso, os jovens só conseguiam olhar para seus pés. — Você acha que é o Tio do Frango? Da última vez que me viu, estava com uma meia-calça preta no rosto. E antes disso... deixe-me pensar... ah, sim! Era Halloween, e você estava com uma máscara do Darth Vader — Hango passou a mão pela testa, exasperado. — Quando você vai parar com essas brincadeiras?